



A FOTOGEOGRAFIA COMO LINGUAGEM DIDÁTICA PARA ANÁLISE DOS IMPACTOS AMBIENTAIS NO ENSINO GEOGRÁFICO

ADRIANO RIBEIRO NERI; FABIOLA TAVARES FERREIRA

RESUMO

A fotografia tem se consolidado como uma linguagem didática eficiente na análise dos impactos ambientais no ensino de Geografia, a proposta consiste em potencializar o uso da fotografia como instrumento metodológico para promover uma compreensão mais aprofundada da temática. Este artigo justifica-se pela necessidade de superar a ausência de metodologias ativas no ensino geográfico, o que compromete a compreensão e o engajamento dos alunos na problemática ambiental. Fundamentado em autores como Steinke, Dante, Dubois, Silva e Tuan, o estudo defende a fotogeografia como ferramenta pedagógica capaz de conectar os alunos à realidade espacial e estimular uma percepção mais sensível e crítica sobre as transformações ambientais. O objetivo geral da pesquisa é propor a utilização da fotografia como recurso didático para representar e analisar impactos ambientais, promovendo a observação crítica da paisagem e a participação ativa dos estudantes. Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa, baseada em referências bibliográficas sobre fotogeografia, educação ambiental e percepção ambiental, explorando a relação entre imagem e espaço geográfico. Os resultados indicam que a fotografia, ao ser integrada ao ensino de Geografia, potencializa o aprendizado ao estimular a leitura visual e a interpretação de paisagens, favorecendo uma compreensão mais concreta e reflexiva sobre os impactos ambientais. Apesar do caráter teórico da pesquisa, os achados demonstram a importância da fotogeografia na educação, apontando para a necessidade de sua implementação em sala de aula. Conclui-se que a utilização da fotografia como estratégia metodológica não apenas sensibiliza os alunos para as questões ambientais, mas também amplia sua capacidade de interpretação do espaço, contribuindo para uma educação geográfica mais engajada e eficaz.

Palavras-chave: Imagem; Educação Ambiental; Percepção Ambiental; Sensibilidade Visual; Ensino de Geografia.

1 INTRODUÇÃO

Na era da informação visual, a fotografia emerge como uma poderosa linguagem didática na análise de impactos ambientais, especialmente no contexto da geografia. Ao capturar instantâneos do ambiente em transformação, a fotografia torna-se uma ferramenta eficaz para documentar e comunicar nuances complexas das interações entre a sociedade e o meio ambiente. No cenário contemporâneo, os impactos ambientais emergem como uma preocupação premente, delineando a interseção complexa entre as ações humanas e o ambiente global. Nesse contexto, a geografia desempenha um papel crucial, oferecendo uma perspectiva analítica abrangente para compreender as dinâmicas de transformação do espaço e os efeitos resultantes sobre ecossistemas.

Diante disso tem como questionamento central que a ausência de metodologias ativas no ensino de geografia contribui para a dificuldade dos alunos em compreender e se engajar no aprendizado dos impactos ambientais, prejudicando não apenas a aquisição de conhecimento,

mas também a conscientização e participação ativa na preservação do meio ambiente.

Nesse contexto o presente artigo justifica-se pela intrincada relação entre impactos ambientais e a disciplina geográfica a partir de autores como Steinke, Dante, Dubois, Silva e Tuan, entre outros autores relevantes, os quais dão fundamentação à temática em questão, destacando a importância da compreensão espacial para enfrentar os desafios ambientais contemporâneos e promover abordagens sustentáveis na gestão dos recursos naturais, a partir da fotografia como potente linguagem para a compreensão e análise dos impactos ambientais nas aulas de geografia, na perspectiva de uma geografia ambiental-crítica, sensível a realidade de mundo do discente. Na interseção entre a imagem estática e o espaço dinâmico, a fotogeografia se revela como uma ponte eloquente entre a linguagem visual e a análise geográfica. Ao transformar o ambiente em narrativas visuais, a fotografia não apenas captura momentos cruciais de mudança, mas também se torna uma ferramenta essencial para desvendar os intrincados enigmas dos impactos ambientais na geografia, promovendo uma compreensão mais profunda e pessoal dos desafios ambientais.

O objetivo geral desta pesquisa é propor a utilização da fotogeografia no ensino de Geografia como linguagem didática para representar e analisar os impactos ambientais, promovendo a observação crítica da paisagem e a participação ativa dos alunos. A abordagem busca aproximar a realidade dos discentes ao conteúdo geográfico, estimulando a sensibilização ambiental e o desenvolvimento do olhar crítico por meio da fotografia, favorecendo a interação entre conhecimento, vivência e meio ambiente no processo de ensino-aprendizagem.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Metodologicamente, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em referências bibliográficas que discutem a fotogeografia como linguagem didática, a educação ambiental e a percepção ambiental, visando a análise dos impactos ambientais no ensino de Geografia. O estudo baseia-se em autores que exploram a relação entre imagem e espaço geográfico, bem como a importância da sensibilização ambiental na formação dos alunos.

No campo da fotogeografia e do ensino de Geografia, Steinke (2014), Dante (2014), Batista (2014), Costa (2014), Steinke (2014) e Dubois (2011) são referências relevantes para compreender o debate sobre a relação do uso da fotografia no ensino de geografia.

A educação ambiental, por sua vez, é abordada a partir das contribuições de Rosa e Silva (2002), Silva et al. (2012), Santos (2004) e Oliveira (2017).

No âmbito da discussão da percepção ambiental, Tuan (1974) é utilizado como referência central, mas sem deixar de lado autores que complementam a partir de suas obras o debate da percepção ambiental, tais como Cunha e Leite (2009) e Santos et al. (2017).

Dessa forma, ao integrar os conceitos de fotogeografia, educação ambiental e percepção ambiental, a pesquisa busca demonstrar como a fotografia pode ser uma ferramenta pedagógica poderosa no ensino de Geografia, proporcionando aos alunos uma experiência mais concreta e reflexiva sobre os impactos ambientais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo é fundamentado exclusivamente em referências bibliográficas, e apresentou resultados teóricos promissores ao demonstrar como a fotogeografia emerge como uma linguagem poderosa na educação. Ao integrar a fotografia com os conceitos geográficos, essa abordagem fortalece o processo de ensino-aprendizagem ao estimular o pensamento crítico e a construção do conhecimento de forma visual e interativa. A fotografia, ao ser utilizada como ferramenta didática, permite aos estudantes uma experiência de aprendizagem mais dinâmica, ao desafiar a interpretação de paisagens, a identificação de mudanças ambientais e a compreensão de processos geográficos dinâmicos.

A relação entre fotografia e Geografia não é recente, mas sua aplicação no ambiente

educacional como um recurso metodológico estruturado ainda necessita de maior exploração. Através da análise de imagens, os alunos podem desenvolver um olhar mais sensível e crítico sobre o espaço em que vivem, compreendendo fenômenos naturais e socioeconômicos de maneira mais acessível e significativa. A síntese das diversas fontes consultadas resultou em uma compreensão aprofundada do tema, reforçando a importância da imagem como um instrumento de leitura e interpretação da realidade geográfica. No entanto, por tratar-se de um estudo de natureza predominantemente conceitual, os resultados permanecem no âmbito teórico, embasados em referenciais bibliográficos. Dessa forma, a pesquisa oferece um valioso alicerce para futuras investigações, incentivando a experimentação prática e a aplicação da fotogeografia em cenários educacionais concretos.

3.1 A FOTOGEOGRAFIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Vivemos em constante contato com o ambiente midiático, tecnológico e cibernético, este espaço sempre está em constante transformação o qual nos proporciona um conjunto ilimitado de instrumentos para registrar, criar, compor e decompor todo o tipo de situações a partir do elemento imagético.

Nesse sentido a fotogeografia desempenha um papel crucial no ensino contemporâneo, proporcionando uma abordagem visual e envolvente que transcende as barreiras linguísticas. Ao integrar imagens, as instituições educacionais têm a capacidade única de estimular a compreensão, capturar a atenção dos alunos e criar uma conexão mais profunda com o conteúdo, promovendo assim um ambiente de aprendizado mais dinâmico e acessível.

A fotografia vai além de uma simples imagem, ela se configura como um ato icástico, inseparável de seu contexto e carregado de significado no momento em que é recebida e contemplada (DUBOIS, 2011). Dessa forma, a imagem fotográfica se estabelece como uma prática inerente à relação do homem com o seu meio, pois, ao representar e apresentar diferentes realidades, torna visível tanto o que é acessível quanto o que permanece distante, traduzindo códigos e permitindo a interpretação de eventos (STEINKE, 2014).

Steinke (2014) destaca que, no âmbito das ciências geográficas, o uso da fotografia como recurso visual não é uma novidade, uma vez que as imagens sempre estiveram presentes em estudos e representações geográficas. No entanto, o desafio atual consiste em promover uma nova abordagem, que possibilite uma alfabetização geográfica por meio das imagens, denominada de leitura “geoimagética”, na qual a fotografia se torna um instrumento essencial para interpretar e compreender o espaço geográfico.

Métailié (1997, apud DANTE, 2014) ressalta que a fotografia não deve ser vista meramente como um documento de fácil compreensão, pois sua leitura exige um processo interpretativo. Toda imagem carrega uma representação que vai além da sua aparência imediata, demandando uma análise para que seu significado seja plenamente compreendido. Apesar de ser frequentemente associada à representação do real, a fotografia não se limita a mostrar o mundo tal como ele é, mas também revela camadas de significado que precisam ser decifradas. Azevedo, Steinke e Leite (2014) destacam que a Geografia, enquanto disciplina científica, não se limita à teoria, mas dialoga com as demandas do cotidiano e os processos de globalização. Essa perspectiva implica na aplicabilidade do conhecimento geográfico dentro de um currículo estruturado e do trabalho pedagógico do professor, sempre inserido em um determinado contexto histórico e espacial.

Segundo Maia et al. (2019), a ludicidade em sala de aula corresponde a qualquer atividade que busque romper com a rotina tradicional do ensino, promovendo abordagens inovadoras no processo de aprendizagem. Para isso, diferentes recursos, materiais e estratégias podem ser utilizados com o objetivo de tornar o aprendizado mais dinâmico, prazeroso e significativo para o aluno. Essa perspectiva se contrapõe às práticas conteudistas e tradicionais ainda recorrentes nas escolas, enfatizando a importância de um ensino mais interativo e

engajador.

Balbuena, Balbuena e Souza (2020) ressaltam que o ensino e a aprendizagem das ciências geográficas devem ocorrer de maneira prazerosa, crítica, objetiva e envolvente, e que as práticas lúdicas, quando bem planejadas, contribuem significativamente para esse processo. Entre as diversas possibilidades metodológicas para o ensino de Geografia, destaca-se o uso da fotografia, que oferece múltiplas abordagens para trabalhar os conteúdos em sala de aula.

3.2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Em face do aumento dos desastres naturais, torna-se essencial promover e fortalecer a Educação Ambiental em todos os setores da sociedade, especialmente no ambiente escolar. A Educação Ambiental desempenha um papel fundamental ao sensibilizar a sociedade sobre a importância da preservação e conservação do meio ambiente, contribuindo tanto para a correção de problemas já existentes quanto para a prevenção de novos impactos ambientais. Nesse sentido, Rosa e Silva (2002, p. 1) defendem que,

a Educação ambiental se destaca como um dos caminhos viáveis, pois, como processo educativo tem como meta gerar a sensibilização quanto à problemática ambiental, aspirando modificar a percepção ambiental da sociedade atual, de maneira a formar cidadãos críticos, dinâmicos, afetivos (ROSA; SILVA, 2002, p. 1).

Contudo, para além dessas, é necessário conversar com a sociedade sobre a produção do lixo com objetivo de convencê-la a ter prática que produzam menos lixo. Para que isso ocorra é necessário intenso debate sobre o tema com objetivo de mostrar os impactos que essa problemática do lixo pode ocasionar na vida das pessoas e na sustentabilidade do planeta e apresentar alternativas do ponto de vista da convivência que possam ajudar nessa redução da produção de resíduos sólidos.

Oliveira (2017) argumenta que a formação de valores e habilidades pode incentivar atitudes e comportamentos voltados para a identificação e solução de problemas ambientais, fortalecendo o exercício da cidadania. Além disso, destaca que as fotografias produzidas podem ser utilizadas em exposições, promovendo a educação ambiental da comunidade e sensibilizando para a preservação.

Martínez Alier (2015) destaca que a abordagem transversal das questões ambientais na educação evita a concepção equivocada de que a Educação Ambiental deve ser limitada a uma disciplina específica. Essa perspectiva impede a fragmentação do tema e contrapõe a visão burocrática que, por vezes, busca restringir sua implementação a um componente isolado no currículo escolar. Nesse aspecto enfatiza a relevância da transversalidade na Educação Ambiental, contrapondo-se à ideia de sua restrição a uma disciplina específica.

De acordo com Silva et al. (2012), o impacto ambiental refere-se a qualquer mudança na qualidade do meio ambiente causada por atividades humanas, afetando diretamente os processos naturais ou sociais. Essas modificações podem ser significativas tanto nos componentes bióticos, que englobam os seres vivos, quanto nos abióticos, que incluem elementos não vivos, como o solo, a água e o ar. Assim, a ação humana pode desencadear transformações que comprometem o equilíbrio ecológico e a sustentabilidade dos ecossistemas.

Santos (2004) discute os impactos ambientais como processos resultantes da intervenção humana, que afetam diretamente a relação entre o ser humano e o meio ambiente. Segundo o autor, um impacto ambiental corresponde a qualquer mudança na qualidade ambiental decorrente da modificação de processos naturais ou sociais pela ação antrópica.

A linguagem fotográfica, segundo Santana e Moura (2012), desempenha um papel fundamental na construção de saberes em educação ambiental e na Geografia crítica. Como um instrumento informativo, a fotografia possibilita uma maior aproximação com o espaço analisado, favorecendo a compreensão da realidade e estimulando vínculos e reflexões sobre o lugar.

A Geografia escolar componente disciplinar que também trata dos impactos que o lixo ocasiona sobre o planeta podem contribuir muito com esse debate ao trabalhar, a partir de seus conteúdos, questões ligadas a uma nova forma de relação ser humano/natureza, e a sua dimensão cotidiana leva a pensá-la como somatório de práticas e, conseqüentemente, entendê-la na dimensão de sua potencialidade de generalização para o conjunto da sociedade.

3.3 A PERCEPÇÃO AMBIENTAL PARA ANÁLISE DOS IMPACTOS AMBIENTAIS

Tuan conceituou a percepção como ação ligada ao conceito de Topofilia. Para ele se trata de um “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal” (1974, p. 5). O autor explica que os conceitos de cultura e meio ambiente estão concomitantemente ligados aos conceitos de homem e natureza. Nesse sentido é apropriado que se compreenda como o indivíduo percebe o ambiente e atua sobre ele para enfim promover atitudes ambientais (Tuan, 1964).

Inúmeros são os conceitos apresentados para a percepção ambiental, porém Cunha e Leite (2009) assinalam um aspecto em comum em todos, trata-se da relação homem e o meio ambiente, como cada indivíduo o percebe, conhece, espera, utiliza e age sobre esse meio. (Cunha; Leite, 2009, p. 17).

Para SANTOS et al. (2017) a percepção ambiental se dar como uma tomada de consciência do ambiente pelo homem, percebendo o ambiente que está incorporado, nesse sentido a percepção do homem está ligado ao processo histórico construído a partir do lugar, desencadeando uma relação de cuidado e valorização do meio que o circundam.

A percepção ambiental é construída a partir das experiências vividas e das interações sensoriais com o mundo. Segundo Marin (2008), ela se manifesta na forma como os indivíduos se envolvem com o ambiente, enfrentam desafios e, de maneira coletiva, desenvolvem discursos autênticos que expressam seus modos de vida.

Ferrara (1993) destaca que a percepção ambiental está relacionada às interações estabelecidas em um determinado espaço e às variáveis que atuam sobre ele. Essas variáveis representam diferentes formas de informação que, ao incidir sobre o local, contribuem para sua organização e estruturação. No entanto, nem todas essas influências são evidentes, sendo necessário tornar a realidade contextual mais clara para que a percepção ambiental seja efetiva.

É importante enfatizar que a percepção ambiental é moldada pelas interações e variáveis que afetam o espaço. Ela sugere que, embora essas influências nem sempre sejam visíveis, é fundamental esclarecer o contexto ambiental para que a percepção seja eficaz.

Whyter (1977) enfatiza que a incorporação da percepção ambiental nos estudos sobre o meio ambiente favorece a compreensão da relação entre o ser humano e a natureza. Isso ocorre por meio do diálogo entre saberes locais e externos, permitindo a comparação de diferentes visões sobre o ambiente e contribuindo para um uso mais racional dos recursos naturais. Além disso, essa abordagem estimula a participação das comunidades locais na identificação e resolução de problemas ambientais. Assim destaca-se a importância da percepção ambiental como ferramenta para compreender a relação entre homem e natureza, promovendo o diálogo entre saberes locais e externos. Nesse sentido, para promover a percepção ambiental é necessário que o indivíduo se perceba dentro do meio, que faz parte do ambiente que está inserido, partindo da visão fotogeográfica.

4 CONCLUSÃO

A utilização da fotografia como linguagem para sensibilizar visualmente os impactos ambientais desempenha um papel crucial na educação ambiental. Através da captura de imagens que retratam a degradação ambiental, mudanças climáticas e a interação humana com o meio ambiente, a fotogeografia pode despertar emoções e sensibilizar sobre questões

ambientais urgentes.

Dessa forma, ao proporcionar uma representação visual poderosa dos desafios enfrentados pelo meio ambiente, a fotografia tem o potencial de inspirar ações e mudanças positivas. Ao expor a realidade dos problemas ambientais, ela pode motivar indivíduos e comunidades a se envolverem em práticas sustentáveis e a adotarem comportamentos que visem à preservação ambiental.

Na educação ambiental, a utilização da fotogeografia não apenas sensibiliza, mas também facilita a compreensão complexa dos problemas ambientais. As imagens possibilitam uma conexão direta e emocional com as questões, tornando-as mais tangíveis e acessíveis aos estudantes. Isso promove uma reflexão mais profunda, estimula o diálogo e inspira ações concretas para proteger e preservar o meio ambiente.

Uma vez também que a Educação Ambiental é fundamental para entendimento da formação do espaço geográfico, cultural e social, e assim poder elaborar estratégias de interação sustentável entre o indivíduo e a natureza, a fim de evitar maior degradação do ambiente natural. Assim, a fotogeografia não apenas amplifica a sensibilização sobre os impactos ambientais, mas também serve como uma ponte poderosa entre a sensibilização do aluno e a aplicação prática da educação ambiental, capacitando indivíduos a se tornarem agentes de mudança na busca por um futuro mais sustentável.

REFERÊNCIAS

BALBUENA, Leticia Bazzi do Nascimento; BALBUENA, Ronilson Farias Majjione Balbuena; SOUZA, Edevaldo Aparecido. Práticas lúdicas no ensino de geografia: Um olhar para o 6º ano do ensino fundamental. Revista de Comunicação Científica, [S. l.], v. 6, n. 1, p.

CUNHA, Alecsandra Santos da; LEITE, Eugênia Batista. A CARTOGRAFIA NO ENSINO DA GEOGRAFIA: leitura e interpretação de mapas. Sinapse Ambiental, 2009.

DANTE, Flávio. Reis. Costa. Junior. Aspectos históricos da fotografia e realizações em geografia. In: STEINKE, Valdir. Adilson.; DANTE, Flávio. Reis. Costa. Junior, BATISTA, Everaldo. (orgs.). Geografia & Fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos. Brasília: Laboratório de Geoiconografia e Multimídias – LAGIM, UnB, p. 11-14, 2014.

DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. 14. ed. Campinas: Papirus, 2011.

FERRARA. L. D'A. Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1993.

MAIA, Humberto Cordeiro Araujo. et al. Geografia, infância e ludicidade: um diálogo sobre a construção dos conceitos geográficos. Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias, p. 1065-1075, 2019. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/2951>. Acesso em: 30 de jun. 2023.

MARIN, A. A. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. 2008, vol.3, n.1, pp. 203-222. ISSN 1980-1165, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pea/article/view/30047>. Acesso em: 10 de mar. 2025.

MARTÍNEZ ALIER, J. **O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração**. Tradução de M. Waldman. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

OLIVEIRA, R. P. Percepção ambiental: como os corpos d'água e a biodiversidade aquática são percebidos por jovens de ensino fundamental em Rio Verde – Goiás. 2017. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

ROSA, Luciene Gonçalves; SILVA, Monica Maria Pereira. Percepção ambiental de educandos de uma escola do ensino fundamental. VI Simpósio Ítalo Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental, 2002.

SANTANA, Deisihany Armelin; MOURA, Jeani Delgado Paschoal. A fotografia como instrumento para a consciência socioambiental. **JORNADA DE DIDÁTICA-O ENSINO COMO FOCO E FÓRUM DE PROFESSORES DE DIDÁTICA DO ESTADO DO PARANÁ**, v. 1, 2012.

Santos, Felipe. Echerk, Natali. Oliveira, Rejane. Neto, Humberto. Teixeira, Leisitânia. Coelho, Andressa. Percepção ambiental e análise de desenhos: prática em cursos de extensão universitária. Revista brasileira de educação. Revbea, São Paulo, V. 12, No2:156-177, 2017. Disponível em: [Ambiental.universitariahttps://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/2358/1481](https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/2358/1481). Acesso em 23 de novembro de 2023.

SILVA, Elizabeth et al. AVALIAÇÃO DE IMPACTOS AMBIENTAIS DO CORTE FLORESTAL COM HARVESTER. Enciclopédia biosfera, v. 8, n. 14, 2012. SANTOS, V.S. Avaliação da poluição sonora provocada pelo tráfego em um parque urbano utilizando ferramentas de simulação e geoprocessamento. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2004.

STEINKE, Valdir. Adilson. Imagem e geografia: o protagonismo da “fotogeografia”. In: STEINKE, Valdir. Adilson.; DANTE, Flavio. Reis. Costa. Junior; BATISTA, Everaldo. (orgs.). Geografia & fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos. Brasília: Laboratório de geoiconografia e multimídias – LAGIM, UnB, p. 45-75, 2014.

STEINKE, Valdir Adilson; REIS JUNIOR, Dante Flávio, COSTA, Everaldo Batista (org.). Geografia e fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos. Brasília: Laboratório de Geoiconografia e Multimídias (LAGIM)/UnB, 2014.

TUAN, Yi-fu. Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. DIFEL, 1974.

WHYTE, A. V. T. Guidelines for field studies in environmental perception. Paris: UNESCO, 1977.